



FILHOS DO CÉU E DA URSA

A história da Coreia dos primórdios até o século XXI

한국의 역사



EMILIANO UNZER

TRAVEJO ANTICIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PRECISA

CRÍTICA

FILHOS DO CÉU E DA URSA

A história da Coreia dos primórdios até o século XXI

한국의 역사

EMILIANO UNZER

CRÍTICA

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Emiliano Unzer, 2025
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025
Todos os direitos reservados.

Edição de texto: Luara França
Preparação: Lígia Alves
Revisão: Patrizia Zagni e Gleice Couto
Diagramação: Negrito Produção Editorial
Ilustração de capa: Monique Pak
Capa: Renata Spolidoro
Mapas: Bia Lombardi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Unzer, Emiliano Filhos do céu e da urso : a história da Coreia dos primórdios ao século XXI / Emiliano Unzer. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2025. 240 p. : il. Bibliografia ISBN 978-85-422-3690-3 1. Coreia – História I. Título 25-2443 CDD 951.9
--

Índice para catálogo sistemático:
1. Coreia – História



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo,
e outras fontes controladas

2025
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986, 4ª andar – Consolação
São Paulo-SP – CEP 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

SUMÁRIO

Introdução	11
Linha do tempo – História da Coreia	17
1. DAS BRUMAS DAS ORIGENS.	19
A criação	19
Ecos dos antepassados.	21
O mandato do céu e os três reinos	25
Os pilares espirituais.	30
Ascensão de Silla.	32
2. A PRIMEIRA UNIFICAÇÃO	35
A ameaça chinesa	35
Sociedade e cultura de Silla.	43
A Pax Sinica e a ascensão de Parhae	47
Paraíso na Terra	49
3. O GRANDE ANCESTRAL E AS ADMIRÁVEIS OBRAS	53
A queda de Silla	53
O grande ancestral	55
As Dez Injunções	57
A busca pela iluminação	61
As invasões e a decadência	62
No mundo dominado pelos mongóis	65

4.	UMA NOVA DINASTIA	71
	Novos tempos.	71
	Sejong, o Grande	78
	Tempestades de ideias.	81
	As invasões japonesas	85
	Os jurchens e os manchus	90
5.	OS HERDEIROS DE CONFÚCIO	93
	Em nome do pai.	93
	As escolas de pensamento	98
	Das inspirações às denúncias	102
6.	O REINO EREMITA	105
	As tormentas	105
	As sucessões ao trono	109
	Os contatos internacionais	111
	As reformas e resistências	119
	Aprendizado Oriental.	121
	O golpe, as reformas e o assassinato	124
7.	A TEMPESTADE	133
	A calamidade e os interesses	133
	Novos governantes	136
	O ardor dos sonhos	146
8.	A FRATURA	155
	O pesadelo	155
	A Comissão	163
	A polarização	168
9.	A RECONSTRUÇÃO	183
	Em busca dos novos caminhos	183
	Duas nações	184
	Sonhos distantes.	188
	Uma nova geração	195
	As manifestações.	202

A dura sucessão no norte	203
O árduo caminho pela democracia	204
A estagnação do norte.	208
A crise e o renascimento do sul.	210
A busca de um regime próprio e o sonho da unificação.	213
Epílogo.	215
Agradecimentos	218
Notas	220
Referências	231

CRÍTICA

DAS BRUMAS DAS ORIGENS

A criação

No tempo dos deuses, Hwanung (환웅), filho de Hwanin (환인), Senhor dos Céus, queria viver no plano dos homens e foi atendido pelo pai. Foi escolhida a montanha Baekdu (“montanha do cume branco”, 백두산), na fronteira atual entre a Coreia do Norte e a China, para sua descida dos céus. Do seu pai, Hwanin, recebeu três selos celestiais e, então, desceu dos céus com 3 mil seguidores e declarou o local a Cidade de Deus (Sinsi, 신시), além de ter sido ordenado que governasse sobre toda a Terra. Coroado rei celestial, Hwanung assumiu o encargo de ensinar à humanidade a agricultura, a medicina, as artes, as leis e a moral por volta do ano 2333 a.e.c.

Nas proximidades dessa região habitavam uma urso e um tigre, que passaram a suplicar a Hwanung que os transformasse em seres humanos. Foi, então, que o rei celestial deu a ambas as criaturas um ramo de artemísia sagrada e vinte dentes de alho. Depois, ordenou que evitassem a luz do sol por cem dias. Os dois animais passaram, assim, a comer a planta e a esquivar-se do sol.

Passados pouco mais de vinte dias, a urso, que se manteve fiel ao plano, tornou-se uma mulher. Já o tigre, impaciente e intempestivo, foi incapaz de seguir as recomendações e permaneceu em seu estado bestial.

A mulher, então, suplicou, sob uma árvore de sândalo, por um companheiro com quem pudesse gerar uma criança. Ao ouvir seus pedidos,



O antecessor de todos os coreanos, Dangun. Crédito: Heritage Image Partnership Ltd/Alamy /Fotoarena.

Hwanung se transformou em mortal e se deitou com ela, que posteriormente deu à luz Dangun (단군).¹

Depois de crescido, Dangun tornou-se um homem repleto de qualidades, destacando-se o espírito de liderança. Para sediar seu reino, fundou a capital, Pyongyang, e chamou seus domínios de Gojoseon (고조선). Anos mais tarde, Dangun transferiu sua corte para a mítica cidade de Asadal e ali governou por mil e quinhentos anos. Ao final de sua longa vida, negociou seu reino com sucessores e passou a viver nas montanhas como divindade. As narrativas mitológicas sobre Dangun se encontram na obra *Memorabilia dos três reinos* (삼국유사, *Samguk yusa*), escrita pelo monge budista Il-yeon (1206-1289) no século XIII e.c., época das invasões mongóis.

Estudiosos afirmam que o mito de Hwanung e de sua descendência representaria a migração originária das cordilheiras Altai, da Mongólia.² Esses povos trouxeram consigo uma nova cultura e técnicas agrícolas,

que mais tarde se difundiram entre os habitantes aborígenes da Manchúria e da Coreia. A parte dessa população que adorava um deus na forma de tigre passou a ser marginalizada. Outros, que adoravam um deus-urso, foram incorporados e assimilados aos imigrantes, e houve nações siberianas e manchurianas que cultuavam o urso como animal sagrado.

As lendas podem nos ajudar a compreender o quadro de migrações e assimilações no Leste Asiático nos últimos séculos antes de nossa era. Os mitos da fundação estariam relacionados aos séculos posteriores, com os deuses cultuados na região da península coreana, nordeste chinês e arquipélago japonês.

Ecos dos antepassados

Os antepassados mais remotos dos coreanos parecem ser povos que migraram de regiões no norte da China e das vastidões mongólicas no largo período que se estende desde 10 mil anos até por volta do primeiro milênio antes da nossa era. Ao longo desse processo, houve uma gradual expansão da confecção de artefatos de cerâmica.* Os antigos habitantes da área – caçadores, pescadores e coletores pertencentes a uma cultura marcada por cerâmicas com padrões feitos com pente, considerados do período Jeulmun (줄문) (c. 8000-1500 a.e.c.) – foram deslocados ou miscigenados com povos advindos de outras regiões asiáticas, criando-se uma cultura neolítica mais elaborada. Esses antepassados foram identificados nas crônicas chinesas como pertencentes às nações han, ye ou maek, das quais estudiosos acreditam que o povo coreano descende em grande parte.

O trabalho no bronze e o cultivo de arroz foram se estabelecendo nas regiões coreanas e adjacências no primeiro milênio antes da nossa era. O arroz parece ter vindo de regiões mais meridionais, pois o cultivo do milhete (que depois originaria o trigo) era mais comum no norte da China. As técnicas de manipulação do bronze, ao que parece, podem ter advindo das proximidades chinesas, da península de Liaoning,

* Algumas das cerâmicas mais antigas encontradas na península coreana apresentam desenhos em relevo e apareceram pela primeira vez por volta do ano 6000 a.e.c.

considerando o estilo observado nos vasos chineses da época em adagas e espelhos coreanos.³

O quadro de migrações e influências culturais também é observado no uso do bronze, como indicam os achados arqueológicos. Em regiões coreanas e manchurianas há adagas de bronze pertencentes à chamada cultura de Liaoning do século X a.e.c., que apresentam formas distintas das culturas siberianas da região de Ordos, no norte da China. Com a introdução de técnicas agrícolas, o arroz passou a ser cultivado desde o século VIII a.e.c. na península coreana, algo que, como dito, diferenciava essa área das regiões vizinhas, que plantavam milhete e trigo.

Foi também nos últimos séculos antes de nossa era que um sistema de escrita originário do oeste espalhou-se em regiões coreanas e no antigo reino de Gojoseon. Não há certeza sobre o sistema introduzido, é provável que tenha sido aquele presente nas ondas migratórias cuja escrita era similar à chinesa, ou seja, formas de sinogramas.

Gojoseon como nome de Estado político aparece pela primeira vez em registros chineses no século IV a.e.c., em referência às boas relações diplomáticas entre o reino coreano e o Estado chinês de Qi, na península de Shandong. Mais tarde, nas narrativas chinesas, Gojoseon é referido como um reino localizado na vizinha península de Liaodong, na costa da Manchúria, e descrito como um império organizado e forte que ficava a leste do reino de Yan durante o período dos Estados combates da historiografia chinesa (c. 475-221 a.e.c.). Foi em decorrência dos contínuos conflitos com Yan que Gojoseon deslocou sua capital, Wanggeom-seong, mais para leste de Liaodong, no noroeste coreano, no século III a.e.c.

Por volta do início do século II a.e.c. houve turbulências na região norte chinesa, o que afetou a península coreana. Na China, a dinastia Qin (212-206 a.e.c.) entrou em colapso com a ascensão da dinastia Han (206 a.e.c.-220 e.c.), que catalisou uma série de migrações de grupos étnicos han, ye e maek para o norte e o nordeste do império, nas proximidades do rio Yalu. Os achados arqueológicos permitem distinguir na região coreana vestimentas e penteados que remetem a esses novos povos, algo que certamente gerou consequências no reino Gojoseon. O soberano coreano, segundo narra a tradição, confiou a defesa e a guarda de suas fronteiras a aliados contra o crescente império chinês.



O reino de Gojoseon e os proto “três reinos” (*samhan*) ao sul da península coreana, por volta do século I a.e.c. A península de Liaodong é a central controlada por Gojoseon, que aponta para o sul em direção à península chinesa, a de Shandong.

O reino Gojoseon atravessou mudanças quando um desses refugiados chineses decidiu voltar-se contra a capital e ocupar o trono, em 194 a.e.c. Seu nome ficaria conhecido como Wiman (ou Wei Man, r. 194 a.e.c.-?).* Uma vez no poder, Wiman decidiu manter a linhagem dinástica coreana. Historiadores como Sima Qian acreditam que ele tenha governado sobre um reino confederado de grupos étnicos mais do que propriamente sobre um domínio centralizado.⁴ Isso era típico da época na região da Manchúria, da península coreana e do Japão.

Três gerações depois, os embates com os chineses da dinastia Han começaram a se avolumar, o que resultou na vitória do imperador chinês Wu, em 108 a.e.c. Em seu auge, portanto, toda a região norte da península coreana foi incorporada diretamente ao império chinês.

Essa conformação se manteve por quatro séculos até cerca de 313 e.c. O norte coreano foi governado pelos chineses de Han a partir da cidade de Lelang (Nanggang em coreano), perto de Pyongyang. Apesar da dominação, no entanto, as evidências arqueológicas apontam para traços culturais coreanos bastante distintos dos chineses. Ao que parece, os chineses mantiveram o poder de forma confederada e autônoma, como era costume na região.

Os três reinos no sul coreano eram compostos de um grande contingente de agricultores espalhados nas terras férteis entre as montanhas e o mar, sem sinal de muralhas. Mahan (마한), Pyonhan (Byeonhan, 변한) e Chinhan (Jinhan, 진한), referidos pelos cronistas chineses como os “três reinos” (ou *samhan*, 삼한), não contavam com mais do que alguns milhares de grupos familiares. Diz-se que tinham o hábito de tatuar os corpos e deformar as cabeças dos recém-nascidos para que assumissem um feitio mais alongado. É o que narra o capítulo 30 da obra do chinês Chen Shou, *Registro dos três reinos*, do século III e.c. A narrativa chinesa sobre esses povos continua da seguinte maneira:

Eles têm nas suas cidades líderes dominantes, mas os assentamentos [ao redor] estão dispersos e não estão claramente sujeitos a regulação e controle. Eles não têm a cerimônia de ajoelhar-se para prestar

* A marcação “r.”, antes das datas, refere-se a “reinou em”, utilizada para marcar o período em que determinado monarca manteve-se no poder.

homenagem [aos ancestrais e autoridades]. Para suas moradias eles fazem câmaras de terra com telhados de grama em forma de túmulo; a porta fica em cima, e lá dentro mora uma família inteira, sem distinção entre velhos ou jovens, homens ou mulheres [...]. Eles usam vestidos de tecido áspero e nos pés usam sandálias de couro.⁵

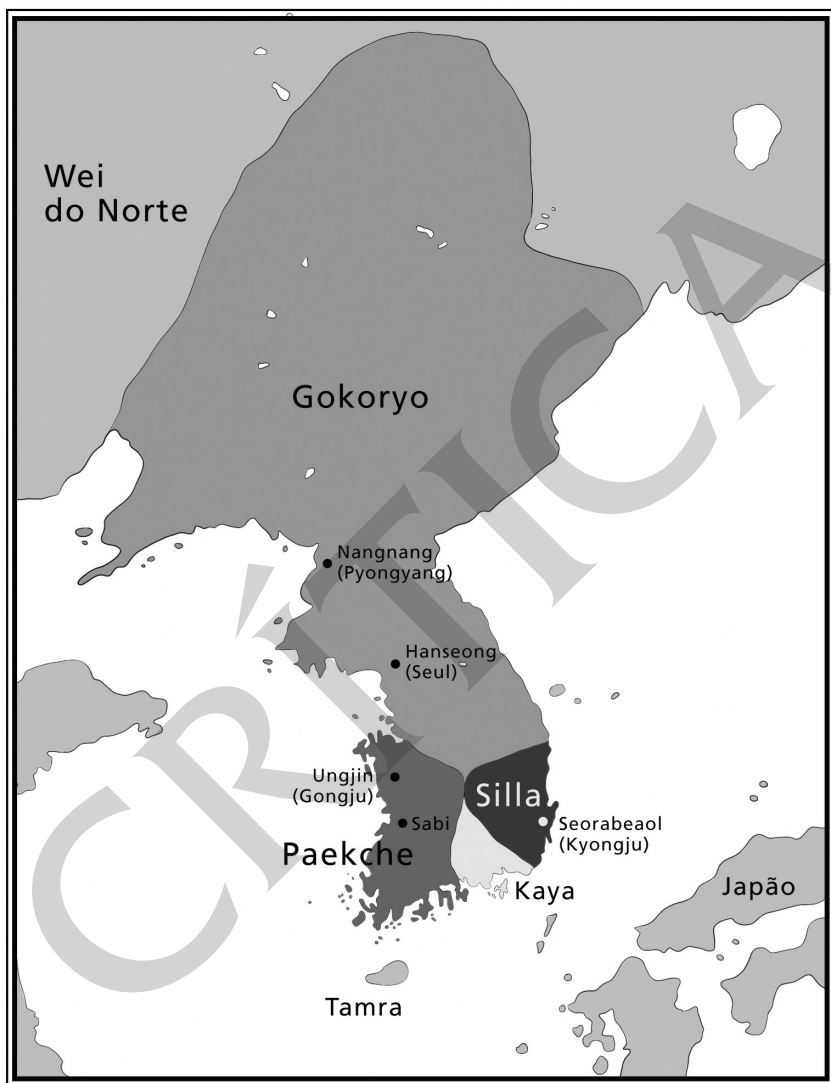
Em contraste, o povo de Koguryo (ou Gokoryo), mais ao norte, era formado por montanheseiros que em boa parte desconheciam a agricultura. Por volta do século III e.c., essa população deveria somar algumas dezenas de milhares de famílias, todas mais afeitas à cavalaria e ao nomadismo.

O mandato do céu e os três reinos

Por volta do século III a.e.c., os chineses consolidaram o conceito de Mandato do Céu (*tianming*, 天命), e quem controlava esse território central – na perspectiva chinesa, todos os povos ao redor eram periféricos – era tido como Filho do Céu (*tianzi*, 天子). O primeiro imperador chinês, Qin Shihuangdi (259-210 a.e.c.), proclamou-se governante de tudo o que havia sob os céus (*tianxia*, 天下) depois de ter unificado os seis Estados em guerra na China de 230 a 221 a.e.c. Ele adotou um novo título, *huangdi* (黃帝, imperador), que antes havia sido usado apenas para figuras mitológicas e divindades da China antiga.

Uma vez conquistada a vastidão dos reinos chineses, o imperador passou a considerar sua soberania sobre os arredores no mundo asiático e se dedicou a manter a ordem contra possíveis ameaças. Assim, Qin Shihuangdi elaborou uma política de contenção e alianças visando às fronteiras mais vulneráveis ao norte. Esse imperador ergueu uma série de fortificações e grandes muros defensivos – a origem do que, séculos depois, viria a ser a Grande Muralha.

Após algumas décadas, a dinastia imperial Qin foi substituída pela dinastia Han, que durou quatro séculos. No século II a.e.c., o imperador Wudi (156-87 a.e.c.), que foi articulado e enérgico o suficiente para combater e eliminar a ameaça no norte e no oeste das fronteiras chinesas, voltou sua ambição expansionista para o sul – chegando a estender-se para o que hoje é o norte vietnamita – e o leste, onde a formidável



Os reinos coreanos no século V a.e.c.

resistência de Wiman de Gojoseon não impediu sua derrota em 108 a.e.c.

A ampla confederação tribal de Gojoseon não se mostrou centralizada o bastante para conter a invasão. A migração chinesa em massa foi incentivada para ocupar efetivamente todo o nordeste do império Han. Nessa área foram depois implementadas quatro grandes regiões políticas: Lelang (um dos principais centros administrativos chineses na região com a península coreana), Zhenfan, Lintun e Xientu.

Esses centros prosperaram com o ativo comércio entre as regiões e a costa do Leste Asiático. Contudo, com a maior relação, oficiais e representantes da corte Han com frequência provavam sua arrogância ao impor um sistema de leis e costumes confucianos sobre os antigos costumes de Gojoseon.

O interesse da China na região durou até o século IV e.c., quando a coesão e a unidade do império chinês da dinastia Han começaram a ceder espaço ao declínio e à fragmentação. Foi nesse contexto que um dos reinos mais ao norte da península coreana, o de Koguryo, investiu contra a cidade de Lelang em 313 e.c.⁶ Após esses eventos, o líder de Koguryo passou a ostentar o título de rei (*wang*, 王).

Contudo, a expansão de Koguryo começara antes disso, já que o reino havia tentado preencher gradativamente o vácuo de poder deixado com o declínio da autoridade imperial chinesa. No século II e.c., os sinais de enfraquecimento dos representantes Han eram visíveis. Em 220 e.c., toda a região sul da Manchúria foi conquistada por um povo nômade que se confederara em um sistema de alianças chamado de Xianbei. Por volta do ano 300 e.c., esses nômades começaram efetivamente a controlar a região, cortando qualquer ligação entre a península coreana e o restante da China. Portanto, a queda de Lelang em 313 e.c. foi um ponto de virada para a expansão de Koguryo.

Em fins do século IV e.c. e início do século V, a região nordeste da China e o norte da península coreana tinham se consolidado em dois reinos organizados e fortes. Aquele situado mais ao norte, dominado por povos de Tuoba e Xianbei, tornou-se a dinastia Wei do Norte. Mais ao sul, o reino de Koguryo fortaleceu-se no sul da Manchúria e no norte coreano. Ambos os Estados foram regidos por povos não chineses – apesar de Wei do Norte ter uma considerável população chinesa. Mais ainda,



Um dos primeiros monumentos históricos coreanos, réplica da estela erguida por Jangsu em homenagem a seu pai, Gwanggaeto, no século V e.c. Crédito: Lawinc82/Wimedia Commons.

ambos os reinos tinham absorvido substancialmente a cultura chinesa e o confucionismo, sinizando o povo de Tuoba-Xiaobei. Entre os de Koguryo, a influência se dava em menor escala, e mais tarde eles levaram os valores chineses mais para o sul da península coreana e, dali, para as ilhas e o arquipélago japonês, entre os povos na época denominados wa.

Em 372, uma academia de estudos de obras clássicas chinesas foi fundada em Koguryo. Um ano depois, um código de leis confucionistas foi promulgado. Em 427, sob o mandato do rei Jangsu (r. 413-491), a capital de Koguryo transferiu-se mais para o sul do rio Yalu, hoje território norte-coreano, nas proximidades de Pyongyang.⁷ Deslocando-se de suas bases mais a oeste na península de Liaodong, Jangsu e seu

antecessor expandiram o território de Koguryo para o norte até o rio Songhua,⁸ chegando a controlar dois terços da península coreana.

Outro reino coreano proeminente do período foi Paekche (백제), fundado por um dos filhos do primeiro rei de Koguryo. A linhagem real de Paekche, tal como a de Koguryo, buscou traçar sua ancestralidade até Puyo (부여), um venerável reino que se estabelecera na Manchúria desde o século II e.c.

Paekche começou com a reunião de cerca de cinquenta famílias na região de Mahan, no sudoeste do território coreano, e com o tempo expandiu e consolidou seus domínios na vizinhança. Os primeiros contatos com dinastias chinesas foram registrados em 372, e em 386 o regente de Paekche, Jinsa (r. 385-392), recebeu dos chineses o título de Rei de Paekche e General Protetor do Leste. Seu antecessor no trono, Geunchogo (r. 346-375), havia expandido e controlado o reino de Paekche em seu auge territorial, tornando-o particularmente valioso para os chineses que buscavam contrapor-se à hegemonia de Koguryo ao norte.

Paekche manteve duradouras e boas relações com dinastias chinesas, principalmente das regiões do sul, e absorveu muito de sua cultura. Ao mesmo tempo, em razão do acesso aos mares da península, Paekche passou a manter contatos e a comercializar com Estados emergentes nas ilhas meridionais do arquipélago japonês.

Terceiro reino coreano proeminente à época, Silla desenvolveu-se a partir de comunidades da região de Chinhan, no Sudeste Asiático. Esse reino, voltado para a costa leste da península, era o mais remoto e o que demandou mais tempo para se desenvolver. Foi somente no ano 503 que os líderes de Silla abandonaram o tradicional título de *maripkan* – advindo das línguas das estepes do norte e nordeste asiáticos* – e assimilaram o título chinês de “rei” (*wang*, 王).

Em 520, Silla passou a promulgar uma série de leis de origens chinesa e confuciana, claramente demonstrando a influência advinda do oeste. Por volta de 535 foi contornada a oposição da corte e da elite do

* *Maripkan* significa “líder supremo”, combinação de “*kan*”, equivalente a khan das estepes asiáticas, termo que expressa um governante, e “*marip*”, status supremo. O título foi adotado pela primeira vez pelo 17º rei de Silla, Naemul Maripkan (r. 356-402), e continuou a ser usado até este ser sucedido pelo rei Jijeung (r. 500-514), com o título no estilo chinês.

reino ao budismo, sendo essa crença oficialmente endossada. Dez anos depois, por regimento real, Silla começou a escrever a história oficial do reino.

Em seu auge, em 576, o reino de Silla chegou a dominar toda a costa oriental da península coreana, derrotando Paekche, graças ao governo enérgico do rei Jinheung (r. 540-576). A estrutura social de Silla parece ter se consolidado em torno de clãs proeminentes, com sobrenomes Kim (김), Pak (ou Park, 박) e Seok (ou Sok ou Suk, 석), ainda hoje presentes nas famílias coreanas. Até o século IV, os chefes de Silla regiam sobre um sistema confederado e eram eleitos por consenso de um conselho de notáveis.

Esses três reinos coreanos – Koguryo, Paekche e Silla – formaram o que depois se consolidaria como Coreia a partir do século VII. Todos eles sofreram significativa influência da China, principalmente com relação aos assuntos de Estado, política e leis. Apesar disso, foi mantido algo que os distinguiu dos chineses na língua e nos costumes. Por exemplo, cada reino manteve suas tradições cerâmicas distintas.⁹ Os monumentos funerários, chamados de *kobun*, presentes nos três reinos, manifestavam estilos diferentes, atendendo a padrões regionais. Túmulos de pedra exibiam murais pintadas em suas câmaras em Koguryo. Em Paekche, as câmaras eram arqueadas; já em Silla, os túmulos eram de madeira recobertos por pedras.

Vale apontar que houve influências também de outros povos – como os Wa, que habitavam ilhas mais a leste, e os japoneses, que deixaram seus traços em comunidades de Silla que migraram para o arquipélago –, por exemplo, na língua de Koguryo (que guardava semelhanças com o japonês nativo do norte da ilha de Kyushu) e na cerâmica, sobretudo conceitos vindos da cultura yayoi.

Os pilares espirituais

O budismo adveio de uma série de interações através das regiões ocidentais da China, permeadas por rotas para a região do norte indiano, Paquistão e Afeganistão. Nascida na Índia, essa religião chegou aos domínios chineses por volta do século II e.c. e mostrou grande apelo por

sua mensagem universal e não exclusivista. Qualquer pessoa – sem distinção social, de gênero ou etnia – poderia alcançar a iluminação espiritual. No entanto, o budismo enfrentou as religiosidades anteriores na China.

Uma delas era o taoísmo, que oferecia uma explicação e inseria cosmicamente todos os seres vivos no universo, algo que serviu de contraponto às limitações e aos abusos do sistema confuciano oficial, adotado pelo Estado chinês ao longo de sua história. Se os ensinamentos de Confúcio e de seus discípulos defendiam a ordem, a hierarquia, a obediência e a harmonia, o taoísmo por vezes buscava libertar o indivíduo do constrangimento social e político para uma plena realização pessoal.

Um monge budista da cidade de Dunhuang traduziu as escrituras budistas da escola Mahayana do sânscrito para o chinês. Depois de um longo tempo, esse budismo começou a se ampliar na China durante um período de instabilidades e desunião no século IV e.c. Foram as dinastias de nômades que abraçaram essa nova religião e a oficializaram e, a partir de então, o budismo se espalhou para outras partes da China e do mundo asiático.

Em 372, o monge budista Sundo (ou Shundao, em chinês), advindo do reino de Qin, chegou a Koguryo, onde as práticas xamânicas eram predominantes entre os nativos. O rei Sosurim (r. 371-384) se mostrou fascinado e atraído pela nova religião, que satisfazia suas curiosidades a respeito da ordem cósmica e da busca pela iluminação espiritual. Assim, ele acolheu os ensinamentos do novo credo espiritual e o tornou uma religião do Estado. São uma decorrência dessa decisão as primeiras imagens e estatuetas de Buda na região, em bronze dourado, usadas como talismãs. Elas ainda são encontradas em museus de Seul e de outros lugares.

A aceitação do budismo pelo rei de Koguryo combinou-se a seu plano ambicioso de sistematizar o governo em novos termos burocráticos e de obter maior apelo de integração social. Koguryo era composto de uma coleção de clãs e lealdades que, por força do budismo promovido, poderia se consolidar em uma nova unidade política. Mais ainda, essa religião seria capaz de viabilizar alianças e contatos internacionais, transcendendo sua localidade no nordeste asiático. Ao lado do budismo, o confucionismo foi adotado pelos subsequentes governantes

de Koguryo a fim de estabelecer um sistema hierárquico e burocrático no reino. Academias confucianas foram fundadas e, em decorrência, foram instituídas carreiras para os magistrados e funcionários do Estado, tanto para sistematizar e manter o funcionamento da máquina do governo como para preservar os registros e compilar a história do reino. Portanto, o budismo e confucionismo serviram fundamentalmente para estruturar e manter o nascente reino coreano.

Isso não ocorreu apenas em Koguryo. Alguns anos depois, em 384, o reino de Paekche implementou medidas semelhantes quando os ensinamentos do monge indiano Marananta (ou Malananda) foram decretados oficiais pelo rei Chimnyu (r. 384-385). Isso também aconteceu nos reinos de Silla, de Kaya e Wa.

Ascensão de Silla

A península coreana testemunharia mais uma ascensão política notável a partir do século VI, no reino de Silla. A mudança dos ventos históricos começou com uma confederação ampliada que envolveu mais seis clãs, a ser conduzida por uma figura régia cujas decisões eram submetidas a um conselho de chefes. Esse sistema era chamado de *hwabaek* (화백). Com o passar do tempo, a figura do rei concentrou um poder de decisão ainda maior, consolidando a dinastia dos clãs Kim e Pak em meados do século IV no reino de Silla.

Posteriormente esse sistema se ampliou para organizar a sociedade de Silla em hierarquias, com as famílias reinantes no topo e a burocracia e a mão de obra nos níveis abaixo. Essa hierarquia, influenciada em parte por ideais confucionistas de ordem e respeito, era conhecida como *kolpum* (classificação óssea). Nela, o status era reservado para aqueles que pertenciam a um grupo determinado por laços familiares. Os que tinham o “osso sagrado” (*seonggol*, 성골) poderiam almejar as posições de comando do reino. Até meados do século VII, somente os de “osso sagrado” – estritamente os descendentes dos Kim e dos Pak – poderiam ascender ao trono. Os demais membros da elite poderiam almejar outros cargos, desde que pudessem ser comprovadas suas ligações familiares ou aliadas. Desse modo foi garantida à elite governante do reino de Silla

certa coesão e homogeneidade, que, com o tempo, foram incorporando as lideranças de outros Estados conquistados.

O budismo também se fez presente em Silla, apesar de mais tardiamente do que em Koguryo e em Paekche. No início, o apelo budista universal e irrestrito atingiu apenas os plebeus, mas em princípios do século VI o budismo começou a ser aceito entre membros da elite. Em 527, o rei de Silla, Beopheung (r. 514-540), oficializou o culto após o martírio do monge budista Ichadon (ou Geochadon, 거차돈, 503-527), figura bastante popular e secretário do monarca.

Conforme narram as crônicas budistas coreanas compiladas no século XIII, Ichadon manifestou um milagre no momento de sua morte para impressionar e converter a aristocracia de Silla. Toda a extensão da Terra tremeu, o sol escureceu, choveram flores dos céus, sua cabeça cortada planou em direção às montanhas sagradas de Geumgang e leite jorrou abundantemente de seu corpo decapitado. O evento foi considerado uma mensagem dos céus, um sinal de que o budismo deveria ser considerado a religião do Estado. Aterrorizada, a população lamentou a morte do monge, que passou a ser considerado um mártir por sua retidão, moral e bom comportamento (imbuídos no amplo conceito budista de *darma*). Uma vez declarado religião oficial, o budismo em Silla cresceu rapidamente e serviu como base de ordenamento e coesão social do reino.

Algumas décadas depois, no mundo político, Silla mostrou-se forte o suficiente para desafiar sua tradicional aliança com o reino de Koguryo, ao norte. Silla passou a procurar acordos mais vantajosos com o reino vizinho de Paekche, visando expandir seus territórios à custa da invasão do pequeno reino de Kaya. Em 532, Kaya foi em grande parte anexado pelos dois reinos aliados.

O avanço mais dramático de Silla, contudo, deu-se em 553, quando conquistou todo o vale do rio Han, que percorre o centro da península coreana. Após esse feito, o rei Jinheung mandou erguer grandes monumentos para marcar suas novas fronteiras, gerando desagrado no reino de Paekche, que tinha antes ocupado a região. Foi por isso que Paekche passou a atacar Silla, resultando na derrota decisiva do rei de Paekche, Seong (r. 523-554). Muito do sucesso das rápidas ofensivas do rei de Silla se deveu ao uso eficaz em campo aberto de sua cavalaria altamente

disciplinada, chamada de *hwarangdo* (화랑도). Em 562, Silla, enfim, anexou totalmente o reino de Kaya e passou a comandar toda a região central e a costa oriental da península coreana.

Haveria, ainda, alguns séculos durante os quais Paekche, Silla e Koguryo iriam se digladiar em conflitos e alianças em uma competição pela hegemonia que só terminaria com a sobreposição total de Silla no século VII. Mas os desafios de Silla ainda não estavam terminados, já que uma grande ameaça começou a lançar sua sombra sobre esse reino: o império chinês.